



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v22i00.8677390>

Artigo Original


Preconceito de gênero nas lutas esportivas: um estudo de mulheres praticantes em uma cidade do interior paulista

*Gender prejudice in combat sports: a study of female practitioners
in a small town in São Paulo State*

*Prejuicio de género en las artes marciales: un estudio de mujeres
practicantes en una ciudad del interior de São Paulo*

Fabiana Cristina da Silva¹ 

Rubens Antonio Gurgel Vieira² 

Fabio Pinto Gonçalves dos Reis² 

RESUMO

Objetivo: Este estudo buscou analisar a presença de preconceito de gênero no ambiente das artes marciais e lutas esportivas, destacando as experiências de mulheres praticantes e suas trajetórias. **Metodologia:** Utilizou-se uma abordagem qualitativa com entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres de diferentes modalidades. As entrevistas foram transcritas e analisadas com base na metodologia de história de vida oral, visando compreender as vivências das entrevistadas e as implicações sociais e culturais de sua prática esportiva. **Resultados e discussão:** Os resultados indicaram que as mulheres enfrentam desafios significativos relacionados ao preconceito de gênero, tanto no ambiente de treinamento quanto na percepção pública. Ou seja, práticas culturais e sociais perpetuam a desigualdade de gênero, afetando o reconhecimento e o apoio às mulheres no esporte. **Conclusão:** O estudo conclui que, embora haja avanços na participação feminina nas lutas, persistem barreiras que limitam a igualdade de gênero. A superação desses desafios requer um esforço coletivo para mudar percepções culturais e promover ambientes esportivos inclusivos e equitativos.

Palavras-chave: Artes marciais. Sexismo. Entrevistas como assunto.

¹ Faculdade de Educação Física de Sorocaba, Sorocaba-SP, Brasil.

² Universidade Federal de Lavras, Faculdade de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Brasil.

Correspondência:

Rubens Antonio Gurgel Vieira. Rua Florianópolis, 306, Jardim Campestre 3, Lavras - MG, CEP 37209-3222. Email: rubensgurgel@ufla.br



ABSTRACT

Objective: This study sought to analyze the presence of gender prejudice in the environment of martial arts and combat sports, highlighting the experiences and trajectories of female practitioners. **Methodology:** A qualitative approach was used, with semi-structured interviews conducted with five women from different disciplines. The interviews were transcribed and analyzed based on the oral life history methodology, aiming to understand the participants' experiences and the social and cultural implications of their sports practice. **Results and discussion:** The results indicated that women face significant challenges related to gender prejudice, both in the training environment and in public perception. Cultural and social practices perpetuate gender inequality, affecting the recognition and support for women in sports. **Conclusion:** The study concludes that although there have been advances in female participation in combat sports, barriers to gender equality persist. Overcoming these challenges requires a collective effort to change cultural perceptions and promote inclusive and equitable sports environments.

Keywords: Martial arts. Sexism. Interviews as topic.

RESUMEN

Objetivo: Este estudio buscó analizar la presencia de prejuicio de género en el ámbito de las artes marciales y deportes de combate, destacando las experiencias de mujeres practicantes y sus trayectorias. **Metodología:** Se utilizó un enfoque cualitativo con entrevistas semiestructuradas a cinco mujeres de diferentes modalidades. Las entrevistas fueron transcritas y analizadas con base en la metodología de historia de vida oral, con el objetivo de comprender las vivencias de las entrevistadas y las implicaciones sociales y culturales de su práctica deportiva. **Resultados y discusión:** Los resultados indicaron que las mujeres enfrentan desafíos significativos relacionados con el prejuicio de género, tanto en el ambiente de entrenamiento como en la percepción pública. Es decir, las prácticas culturales y sociales perpetúan la desigualdad de género, afectando el reconocimiento y el apoyo a las mujeres en el deporte. **Conclusión:** El estudio concluye que, aunque hay avances en la participación femenina en las luchas, persisten barreras que limitan la igualdad de género. Superar estos desafíos requiere un esfuerzo colectivo para cambiar las percepciones culturales y promover entornos deportivos inclusivos y equitativos.

Palabras Clave: Artes marciales. Sexismo. Entrevistas como asunto.

INTRODUÇÃO

Este artigo explora a interseção entre preconceito social e a participação das mulheres em modalidades de lutas esportivas, examinando como os estereótipos de gênero e a discriminação afetam as atletas femininas neste campo predominantemente masculino. Para tanto, exprimimos a conceituação de termos como lutas/artes marciais/esportes de combate, bem como, os referentes à preconceito e discriminação e, em seguida, desenvolvemos procedimentos metodológicos inspirados na História Oral para produzir dados a partir de histórias de mulheres lutadoras em uma cidade do interior paulista. Assim, entrevistamos cinco lutadoras das seguintes modalidades de lutas, a saber: Judô, Artes Marciais Mistas (ou MMA, como é conhecida a partir da sua sigla em inglês, referente a *Mixed Martial Arts*), Kickboxing, Karatê e Jiu-Jítsu. Os relatos produzidos foram submetidos a uma análise que tencionou as respectivas experiências vividas no interior dessas práticas esportivas.

Buscamos não apenas compreender as experiências individuais, mas igualmente contribuir à reflexão mais profunda sobre as dinâmicas de poder e discriminação nesse contexto. A análise abrange desde a construção social do preconceito e sobre como atravessam as práticas de tais manifestações, com destaque para os desafios enfrentados pelas mulheres na obtenção de reconhecimento e igualdade de oportunidades. Além disso, o estudo discute as implicações de tais barreiras ao desenvolvimento pessoal e profissional das lutadoras, além das estratégias adotadas na direção de mitigar os mencionados obstáculos.

Partimos da ideia de que preconceito é uma concepção constituída sem qualquer exame crítico e deliberado, exercendo influência sobre a personalidade e o comportamento dos indivíduos que o praticam (Silva, 2010). Para a concepção de gênero utilizamos, entre outras, das considerações de Souza e Altmann (1999) quando afirmam que o respectivo conceito é compreendido como uma construção elaborada pela cultura em relação às diferenças sexuais de seus membros. Justificamos tal estudo baseados no fato de que o preconceito, frequentemente considerado como algo natural ou inerente ao ser humano, pode acarretar consequências gravíssimas aos envolvidos, pois os crimes motivados por preconceito contra mulheres e homossexuais apresentam números alarmantes³.

Infelizmente, essa realidade é tão recorrente que até mesmo utilizamos os termos "feminicídios" ou "femicídios" para destacar os crimes ocorridos especificamente pelo fato de a vítima ser mulher. Nesse contexto, ações sutis e indiretas são particularmente desafiadoras de combater e modificar.

³ Para exemplificar, uma mulher é estuprada a cada 10 minutos e três mulheres são vítimas de feminicídio por dia no Brasil – dados do portal "Violência contra a mulher em dados". Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Constantemente observamos a consolidação e o surgimento de novas formas de preconceito, que se adaptam e se ramificam em resposta às mudanças sociais contemporâneas, tais como as pressões legislativas e os princípios de liberdade e igualdade promovidos pelas democracias liberais (Lima; Vala, 2004).

Portanto, ao abordar o recorte específico deste texto, nossas perguntas de pesquisa são estabelecidas adiante: existe preconceito de gênero nas modalidades de lutas? Se sim, como ele se manifesta na percepção das mulheres praticantes?

É evidente que grande parte das modalidades esportivas consideradas de reserva feminina recebe menos destaque em comparação às masculinas, e as lutas em particular, são uma das manifestações da cultura corporal que mais sofrem com preconceitos atinentes ao gênero. Lançanova (2006) define lutas como disputas que envolvem o desenvolvimento de técnicas de combate entre pessoas ou grupos, utilizando meios de defesa e ataque, com ou sem o uso de armas ou acessórios. Embora o objetivo principal seja derrotar o oponente, as lutas também incorporam a cultura de seu país de origem, caracterizando-se não apenas como uma modalidade esportiva, mas como uma linguagem histórica. Isso as expõe aos mesmos sistemas de valores e preconceitos que permeiam essas culturas, algumas muito tradicionais e seculares que carregam valores machistas e opressores às mulheres.

Desta forma, este estudo tem como objetivo verificar a ocorrência ou não das formas do preconceito de gênero se manifestarem nas lutas esportivas por intermédio da escuta e interpretação dos dizeres de mulheres praticantes. Entende-se que combater manifestações de preconceito é um desafio complexo, ao passo que reconhecê-las não apenas ajuda a resolver situações de conflito, mas também é uma maneira eficaz de abordar o tema e conscientizar todos os envolvidos sobre discriminações frequentemente despercebidas. Advogamos que o processo de formação de valores desenvolvido nas lutas pode reduzir o preconceito dentro da modalidade e, por extensão, na sociedade como um todo.

MÉTODO

A História Oral enquanto um método de pesquisa consiste na realização de entrevistas com indivíduos considerados testemunhas de eventos interessantes ao pesquisador em uma determinada conjuntura (Alberti, 1995). No que se refere à História de Vida Oral, tem-se como objetivo principal compreender a narrativa da experiência de vida do depoente colaborador. Ao adotar o termo "colaborador", busca-se estabelecer uma relação de troca na qual o entrevistado deixa de ser apenas objeto de conhecimento para participar ativamente, juntamente com o investigador, na construção de partes significativas de sua história (Meihy; Holanda, 2010).

Uma pesquisa fundamentada na História Oral segue um roteiro composto pelas seguintes etapas, quais sejam: elaboração do projeto, gravação da entrevista, transcrição, análise, arquivamento e devolução social dos resultados. No contexto de um projeto colaborativo de História Oral, como é o nosso caso, destacam-se dois elementos essenciais: o entrevistador, geralmente o coordenador do projeto, e o colaborador (entrevistado). Por meio de ações e etapas previamente acordadas entre ambos, é conduzida uma entrevista colaborativa na qual ocorre uma divisão organizativa: (1) pré-entrevista, (2) entrevista propriamente dita e (3) pós-entrevista.

Explorando cada uma dessas etapas didaticamente, a pré-entrevista engloba toda a preparação necessária por parte do pesquisador tendo em vista extrair o máximo de informações do entrevistado. Aspectos como tempo, local, teor e conteúdo das perguntas e possíveis reações devem ser cuidadosamente considerados no contexto do planejamento estratégico colaborativo. Na entrevista propriamente dita, o foco reside em explorar ao máximo o que o depoente tem a compartilhar sobre o objeto de estudo, adaptando as perguntas conforme necessário no sentido de incentivar a produção das narrativas em um ambiente dialogado. Quiçá, o lugar do pesquisador possa parecer relativamente passivo durante esta fase, aspectos estratégicos estabelecidos na relação entre os envolvidos potencializam o mergulho na experiência e memória a serem desnudadas, tais como empatia, as expressões corporais e a sensibilidade na escuta. Por fim, na pós-entrevista, ocorre todo o trabalho de tratamento, textualização, interpretação, categorização e organização do material empírico produzido. Dessa forma, a História Oral pode ser uma ferramenta metodológica valiosa para identificar o preconceito de gênero nas lutas, tanto pela meticulosidade na construção dos dados quanto pela participação ativa das colaboradoras envolvidas. Em termos mais detalhados:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (Meihy; Holanda, 2010, p. 15).

Logo, por meio dos registros das expressões da oralidade humana as percepções da vida social dos sujeitos são integradas a projetos que buscam explicar determinados contextos, razão pela qual é mister considerar para além da verbalização dos colaboradores, desafio premente de tal escopo metodológico, conforme assinalaram Meihy e Holanda (2010).

Nesse sentido, elaboramos nosso projeto de História de Vida Oral com o propósito de articular experiências e saberes relevantes por meio das memórias

vividas a partir de entrevistas realizadas com lutadoras de cinco diferentes modalidades de lutas em uma cidade do interior paulista. Após esse processo, tais informações serviram como suporte das análises concernentes às representações, os discursos e as práticas de significação das lutadoras em meio ao atravessamento dos preconceitos, com o intuito de confrontarmos-los por intermédio dos aportes teóricos assumidos nesse estudo.

Considerando a natureza qualitativa desta metodologia e reconhecendo as dificuldades associadas ao trabalho com um grande número de entrevistas, a História de Vida Oral tem sido frequentemente empregada em estudos com amostras de tamanho reduzido. Conforme Meihy e Holanda (2010) destacam que a referida metodologia trata de contextos vivenciados coletivamente por múltiplos sujeitos em confronto com as experiências singulares, situadas e únicas, não podendo ser limitada a essas situações:

O que se chama de grupal, cultural, social ou coletivo em história oral é o resultado de experiências que vinculam umas pessoas às outras, segundo pressupostos articuladores de construção de identidades decorrentes de suas memórias expressadas em termos comunitários (Meihy; Holanda, 2010, p. 27).

Com base no preceito das memórias expressas, o estudo em voga concentrou-se em abordar mulheres cujo destaque no meio esportivo como praticante de lutas foi significativo, sejam como atletas de alto rendimento, amadoras ou pelo protagonismo feminino adquirido no interior dessas manifestações. Às lutadoras entrevistadas foram provocadas a depor sobre aspectos significativos de suas vidas, em especial, no que se refere às experiências gerais vividas com as práticas das lutas; ao ambiente de troca e interação estabelecido entre lutadores e lutadoras no que tange às questões de gênero; a motivação relativa à escolha da modalidade de luta, mesmo essa sendo considerada de reserva masculina; a respectiva trajetória na modalidade escolhida, além de um olhar mais abrangente sobre o envolvimento em competições, profissionalização e desafios enfrentados por ser mulher.

Procuramos garantir que cada entrevista, além de sua relevância individual, contribua para uma unidade e coerência no conjunto. Esse conjunto, por sua vez, estabelece um diálogo com um contexto mais amplo, fundamentado nas críticas de estudos anteriores, como os de Trusz e Nunes (2007), Cazetto (2009) e Gomes (2003).

Diante disso, o grupo que forneceu o *corpus* documental da pesquisa diz respeito a mulheres praticantes de lutas que foram escolhidas pelos seguintes critérios: vasto tempo de prática, com média superior a dez anos; notório reconhecimento da competência atlética, sendo campeãs locais, regionais, nacionais e/ou internacionais; variedade de modalidade, sendo escolhida uma para cada uma das Artes Marciais mais praticadas na região. Dado o número grande de

modalidades existentes e os limites de tempo e espaço, somando-se a isso o fato de ser um estudo qualitativo, nos limitamos a cinco atletas.

O primeiro encontro com as lutadoras teve como objetivo principal esclarecer os propósitos do estudo, sendo o contato inicial estabelecido por meio de redes sociais, *Messenger/WhatsApp* e *e-mail*. Nessa fase inicial, foi agendada individualmente uma data, horário e local à realização das entrevistas, ao passo que foram conduzidas nos locais selecionados pelas colaboradoras. Essa mobilização visa proporcionar um ambiente confortável e facilitar questões como disponibilidade de horário e transporte (Meihy, 1996).

Para o início do processo foram realizadas perguntas de cunho pessoal na tentativa de abordar tópicos como o nome completo, estado civil, filhos, idade, profissão, formação acadêmica e anos de experiência nas lutas, a fim de podermos caracterizar os sujeitos do estudo. Para compor as fichas técnicas, as lutadoras foram previamente informadas sobre os temas a serem abordados cujo intuito foi possibilitar uma aproximação prévia entre elas e a entrevistadora. Ao iniciar as entrevistas, as envolvidas foram incentivadas a narrar experiências concretas acerca das suas vivências individuais e das mudanças nas relações consigo mesmas por meio da prática da modalidade. O diálogo foi sendo tecido de acordo com as respostas, sempre preservando às lutadoras certa liberdade para discorrerem as experiências sem interrupções ou direcionamentos rígidos, com vistas a evitar qualquer interferência que comprometesse a espontaneidade do relato das memórias evocadas (Meihy; Holanda, 2010).

Após a realização das entrevistas por meio de gravação em dispositivo eletrônico, o processo de transcrição e textualização dos extratos mais relevantes em torno do preconceito de gênero nas lutas ocorreu com um processo de tradução da oralidade para a escrita. Mesmo assim, cabe evidenciar que "passar a materialização da escrita com fidelidade absoluta como se uma coisa fosse outra. Admitir isso, aliás, seria temeridade, visto que sons, entonação, cacoetes, modulações, não se registram sem alterações (Meihy; Holanda, 2010, p. 135).

A transcrição foi conduzida em duas etapas distintas: na fase 1, foram transcritas as perguntas e respostas diretas, tais como o nome, idade, local de residência e temporalidade na prática de luta, entre outros; na fase 2, o texto foi refinado, eliminando narrativas que não estivessem diretamente relacionadas às experiências das lutadoras nas lutas. É oportuno mencionar que as narrativas interpretadas adiante reproduzem fielmente os dizeres das colaboradoras, sem interrupções do entrevistador, com o cuidado de consulta posterior para aprovação. O propósito disso foi permitir que a colaboradora se identificasse com as declarações registradas, corroborasse a perspectiva ali apresentada e validasse sua participação ativa em todo o processo. Para tanto, solicitou-se que as lutadoras cedessem os direitos de transcrição por meio da assinatura de uma carta de cessão, a qual também estabeleceu os termos de devolução e uso futuro do

conteúdo das entrevistas. Adicionalmente, elaborou-se um documento para assegurar a utilização ética das entrevistas coletadas, com as lutadoras assinando um termo de consentimento. Somente após todos esses procedimentos, as entrevistas foram consideradas aptas a integrar o estudo em voga, sendo o seu arquivamento realizado por meio de nuvem digital cuja função foi garantir segurança e preservação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversos autores fazem a diferenciação entre os conceitos de lutas, esportes de combate e artes marciais, constatando também algumas contradições. "Lutar" encerra uma gama de significados que variam de acordo com a maneira como é utilizada ou interpretada - seja lutar por algo ou por alguém - o que impede a adoção de um termo excessivamente rígido. Neste contexto, empregamos o conceito de luta em sua forma mais abrangente, remetendo ao ato que acompanha a humanidade desde os seus primórdios: a luta pela obtenção de alimentos, o enfrentamento de animais, o embate com outros grupos humanos pela defesa do território ou pela própria sobrevivência (Rufino; Darido, 2012).

Entendemos tal conceito de maneira ampliada, tendo em vista que abarca os combates intencionais entre dois ou mais indivíduos, independentemente de estarem treinados ou não. As lutas são confrontos nos quais os adversários devem ser subjugados, utilizando-se de técnicas e estratégias de contusão, imobilização, exclusão ou desequilíbrio, por meio de uma combinação de ações ofensivas e defensivas, regidas por regulamentos específicos que visam coibir qualquer forma de violência ou deslealdade. Como exemplos de lutas, podemos citar desde brincadeiras como cabo-de-guerra e braço-de-ferro até práticas mais complexas e codificadas como o judô, karatê ou capoeira.

É plausível que a prática da luta tenha surgido nos primórdios da civilização humana, em conjunto com a necessidade do ser humano em defender-se de inimigos ou animais, ou mesmo de atacar ou caçar com maior eficácia. Embora não existissem eventos esportivos formais nos estágios iniciais da humanidade, a disputa por território ou alimento implicava em uma espécie de competição na busca da vitória sobre o outro. No entanto, é evidente que atualmente a institucionalização da competição esportiva é realizada como parte de eventos estruturados, os quais pouco se assemelham à resolução de conflitos ou luta pela sobrevivência. De qualquer modo, para Franchini (2008), o processo paulatino de esportivização das lutas representa a transformação de práticas ancestrais em modalidades estruturadas, regulamentadas e competitivas, ampliando seu impacto cultural e social. Esse processo foi uma característica marcante da 'modernização' das artes marciais e das técnicas de combate ao longo dos séculos XIX e XX, porém, que continua ocorrendo na contemporaneidade. O mesmo autor salienta que uma das principais motivações subliminares nesse contexto, refere-

se à busca por uma expressão competitiva e atlética das habilidades marciais, originadas muitas vezes de segmentos militarizados ou de autodefesa. As lutas esportivas oferecem uma multiplicidade de experiências nas quais os praticantes podem testar suas habilidades em um ambiente controlado e seguro, ao mesmo tempo em que promovem a superação e o entendimento dos limites próprios.

De um lado, a esportivização das lutas contribuiu significativamente à disseminação e popularização dessas práticas, tornando-as acessíveis a um público mais amplo e diversificado. Eventos esportivos, campeonatos e competições, bem como a cobertura mediática de tais espetáculos, desempenham um papel crucial na promoção das lutas como entretenimento e lazer. Por outro, tal modificação levanta questões sobre a autenticidade e a preservação das tradições marciais originais, à medida que são adaptadas para se adequarem às exigências e padrões do esporte moderno. Nesse sentido, há o risco de que aspectos importantes de sua filosofia, cultura e técnica sejam diluídos ou perdidos. Em suma, a esportivização das lutas representa uma transformação dinâmica e multifacetada das práticas marciais, que envolve uma interação complexa entre tradição e modernidade, competição e preservação cultural, entretenimento e profissionalização do lutador.

Diante de tudo o que foi afirmado, no presente trabalho, optamos por considerar termos como lutas esportivas, esportes de combate e artes marciais como sinônimos, como sugerem os trabalhos de Rufino e Darido (2012), Fett e Fett (2009), Trusz e Nunes (2007), Gomes (2003) e Cazetto (2009). Isso não significa discordar das respectivas diferenciações em virtude de serem importantes ao debate, mas, para os nossos propósitos com essa pesquisa, tais definições não a impactam de maneira relevante. Isso se deve ao fato de que, seja em um ambiente que preserve com mais intensidade tradições milenares, seja em espaços devidamente esportivizados, ou mesmo para aqueles locais em que há certo equilíbrio para ambas as dimensões, a questão de gênero se mantém.

Expliquemos melhor: sabe-se hoje que os esportes de combate experimentam um notável aumento tanto no número de praticantes quanto na atenção de espectadores, sendo este fenômeno particularmente notável entre o público feminino. Este crescimento vertiginoso pode ser atribuído, entre outros fatores, à diversidade de opções disponíveis dentro do universo das práticas de luta, que incluem desde modalidades como judô e tae-kwon-do, até exercícios de boxe funcional e modalidades de fitness que agregam elementos das lutas. Como resultado disso, os preconceitos ligados ao gênero já marcantes na nossa contemporaneidade, igualmente acabam reforçando os estereótipos de fragilidade associados ao sexo feminino ao atravessarem as vivências de modalidades esportivas nas quais se preponderam força física, agressividade e contato corporal. Sob a égide das fronteiras de gênero no esporte, é comum rotular as mulheres que participam dessas modalidades como "masculinizadas" (Scott, 1995).

É oportuno ressaltar que dificilmente encontramos algum domínio da atividade humana no qual não tenham ocorrido processos culturais que designam simbolicamente o considerado mais apropriado para ambos os sexos. Equivocadamente, a palavra "gênero" vem sendo correspondida ao sexo com o qual o indivíduo nasceu, ou seja, o pênis associado ao gênero masculino e a vagina ao feminino. No entanto, o fato de alguém nascer com órgão sexual masculino, por exemplo, não implica necessariamente que essa pessoa se identifique linearmente enquanto homem ou mulher. Dessa forma, podemos conceber o gênero como uma construção cultural - "homem" e "masculino" podem se referir tanto a um corpo feminino quanto a um masculino; da mesma forma, "mulher" e "feminino" podem se aplicar a mesma lógica argumentativa (Goellner, 2001).

No Brasil, a participação das mulheres em modalidades esportivas ainda é relativamente minoritária quando cotejada ao número de homens praticantes, sendo comum que o primeiro e, muitas vezes, o único contato ocorra durante o período escolar. Para a maioria delas, a escola é o ambiente acessível à prática esportiva, enquanto que os homens geralmente ocupam espaços públicos e privados com hegemonia, tais como clubes, ruas, praças e centros. Nas escolas, durante os intervalos e recreios, é usual observar os meninos tomarem posse dos campos e quadras, ao passo que as meninas frequentemente permanecem sentadas, raramente se envolvem em atividades de cunho esportivo (Souza; Altmann, 1999). Isso reforça os estereótipos de incompetência e fragilidade, os quais se baseiam no discurso preconceituoso da diferença biológica entre os gêneros.

Segundo Silva (2010), o preconceito pode manifestar-se de diversas formas na sociedade, tendo origens e modos variados, selecionando vítimas e resultando em ações violentas, injustas e inaceitáveis. Ele é, portanto, compreendido como um sentimento ou opinião, na maioria das vezes negativa, formulados e adotados por pessoas que realizam julgamentos prévios e infundados sobre um grupo, um povo ou um estilo de vida.

A manifestação de atitudes preconceituosas ocorre, geralmente, contra grupos ou sujeitos em decorrência da ignorância pelo não reconhecimento das diferenças inerentes ao outro. Para Devide (2005), o preconceito é um fator desencadeante de comportamentos discriminatórios pelo simples fato de determinados sujeitos pertencerem a grupos sociais específicos. Assim, o preconceito é notadamente uma atitude negativa em relação a uma pessoa, fundamentada em suas características, frequentemente desviantes e dissidentes de uma subjetividade, aparência ou conquistas previamente estipuladas como "verdadeiras" ou "corretas".

Bourdieu (1999) argumenta que o sentimento de preconceito geralmente surge de maneira superficial e generalizada, originando-se de estereótipos, tais como a naturalização de as "mulheres serem essencialmente frágeis". Tais

afirmações ocorrem sem qualquer fundamentação sólida e científica, baseando-se apenas em narrativas disseminadas convenientes àqueles que as propagam. Nesse contexto, as tradições podem se tornar uma forma passiva de preconceito, uma vez que uma opinião pode ser acolhida como um costume, adquirindo um status de autoridade sobre a forma de ser e pensar dos indivíduos. Isso gera um sentimento de “diferença” e produz uma tensão que ameaça a estabilidade e a norma, pois o desconhecido é frequentemente percebido como perigoso. Esse medo pode resultar em atos de violência, desprezo, exclusão e indiferença, desencadeando atitudes preconceituosas, razão pela qual o considerado diferente pode parecer ameaçador por preservar suas características singulares em contraste com a norma – seja na cor da pele, na forma dos olhos, na cultura, nas origens, na profissão, nos afetos ou em qualquer outra característica que, por fugir à norma vigente, desperta uma hostilidade irracional.

Embora preconceito e discriminação possuam significados distintos, a discriminação é frequentemente um resultado direto do preconceito. Pode-se ilustrar o preconceito como um sentimento interno, enquanto a discriminação é uma expressão comportamental desse sentimento. A inclusão dos sujeitos sociais em categorias estabelece identidades específicas baseadas em um conjunto de características, consolidando modelos e ações que podem ser interpretados como intrínsecos a ele (Altmann, 1998).

Nesse processo, o indivíduo experimenta as consequências decorrentes de sua inclusão no grupo discriminado, como fica evidente em alguns trechos das narrativas das entrevistadas:

Já sofri preconceito por não querer treinar comigo por ser menina, ou achar que eu estava lá para ficar se agarrando com os caras, uma coisa ou outra sempre acontece, mas não “ligo” para isso (lutadora de MMA).

Leigos pensam que isso é um esporte para os homens, que as mulheres não são capazes de praticar a modalidade, alguns chegam até insinuar e generalizar a nossa opção sexual apenas pelo fato de ser lutadora. Chega a ser cômico, mas é a realidade, e nós temos que enfrentar esse preconceito desconfortável e provar que somos capazes sim de treinar, graduar e promover essa filosofia de vida como mulheres sem o menor problema (lutadora de Judô).

No contexto esportivo o preconceito está associado a estereótipos de incompetência e fragilidade, impactando negativamente a performance atlética dos participantes, com uma ênfase particular nas mulheres. A alteração psicológica mais significativa é o aumento da capacidade de avaliar resultados, levando a uma valorização desproporcional dos erros e desconsideração dos acertos. A indagação que nos moveu, nesse sentido, foi averiguar como isso se dá no mundo das lutas.

Na história das artes marciais, a presença e influência das mulheres são mais profundas do que muitas vezes se presume. Na antiguidade da China e do Japão,

elas encontravam-se motivadas a aprender tais técnicas como uma necessidade vital, defendendo-se e protegendo suas famílias (Moura; Mocarzel, 2021). Na contemporaneidade, as mulheres perpetuam esse legado ao praticarem defesa pessoal e diversas modalidades de lutas, tais como jiu-jítsu, judô, karatê, muay thay e artes marciais mistas, conforme as entrevistadas da pesquisa, entre muitas outras possibilidades.

O preconceito sempre vai ter... dentro e fora do esporte, acredito que dentro da luta é até menos, porque quem realmente segue a filosofia da arte marcial tem um respeito maior com seu parceiro de treino, independentemente de ser homem, mulher, faixa branca ou faixa preta isso (lutadora de MMA).

Tive algum preconceito, mas querer vencer vários obstáculos já vem da luta, o autocontrole, ter o caráter, ter personalidade, ser uma pessoa melhor, a luta proporciona isso (lutadora de Karatê).

Como foi afirmado anteriormente, a distinção de gênero permeia quase todos os aspectos da vida, inclusive no contexto esportivo, visto que mulheres envolvidas em modalidades como futebol ou lutas frequentemente não recebem o mesmo reconhecimento que seus colegas do sexo masculino. O ato de chutar, lutar e arremessar acompanhado do adjetivo "como uma mulher" é um exemplo de enquadramento estereotipado pejorativamente (Lopez, 2017). Além disso, ao perpetuar essas visões estereotipadas, a sociedade não só desvaloriza as habilidades e conquistas das mulheres nas lutas, mas também limita o potencial de crescimento e desenvolvimento dessas atletas, criando barreiras que dificultam o acesso a recursos, patrocínios e reconhecimento igualitário.

No início da prática feminina nos esportes de combate, lutas e artes marciais, as mulheres enfrentaram enormes dificuldades, desde a falta de incentivo e infraestrutura adequada até o preconceito explícito de colegas, treinadores e do público em geral, que frequentemente questionavam sua capacidade e legitimidade nesses campos predominantemente masculinos. Pelos relatos coletados no projeto de história oral deste artigo, percebe-se que, apesar dos desafios históricos, as mulheres parecem ser mais bem aceitas e respeitadas nos espaços de combate e artes marciais atualmente. Os depoimentos indicam que a visibilidade e a valorização das atletas femininas têm aumentado gradativamente, refletindo uma mudança cultural e social significativa.

A aceitação feminina nos esportes de combate, entretanto, ainda é acompanhada por obstáculos e resistências, evidenciando que, embora tenha havido progresso, a luta pela igualdade de gênero está longe de ser concluída. As narrativas coletadas apontam também para a importância das redes de apoio e das políticas inclusivas na promoção de um ambiente mais equitativo, ressaltando que a presença feminina está não só mais visível, mas também mais ativa e influente nas modalidades de combate.

Antigamente tinha poucas mulheres, eu era praticamente a única mulher da academia, mas hoje isso mudou bastante, muitas mulheres treinando, eu tenho uma turma que dou aula praticamente só de mulheres, muita criança treinando, mãe de alunos que hoje fazem aula também (lutadora de Karatê).

Hoje em dia a procura da mulher para fazer arte marcial aumentou bastante, antes tinha bastante preconceito até por parte dos homens: a não quero lutar com mulher, vai bater que nem menininha... então tinha um pouco de preconceito. Hoje não tem mais nada disso na academia que treino. Não tem mais essa forma de preconceito porque a gente treina igual, antes não tinha mulheres para treinar então a gente treinava com os homens, mas porque o troféu da mulher era diferente do que para o homem, o troféu do homem era bem maior do que o das mulheres, homem tinha premiação em dinheiro e mulher não, o porquê dessa diferença se a gente treinava igual? (lutadora de Judô).

Por minha história e por ser mulher algumas pessoas acham que vamos desistir, mas pelo contrário, hoje que mais vemos nas artes marciais são as mulheres colocando a cara a tapa realmente para lutarem pelo seu espaço, pelos seus sonhos. Posso estar sendo ousada em dizer, mas as mulheres estão chegando com mais garra, com mais força de vontade que os próprios homens (lutadora de kickboxing).

Apesar dos avanços notáveis na aceitação e valorização das mulheres nos esportes de combate e artes marciais, alguns preconceitos persistem, manifestando-se em atitudes discriminatórias e na desigualdade de oportunidades e reconhecimento quando comparadas aos seus colegas masculinos. Atualmente, o preconceito parece se expressar de forma diferente, manifestando-se nas discrepâncias das condições esportivas oferecidas e na valorização financeira das atletas femininas. As mulheres, em muitos casos, ainda enfrentam desvantagens significativas em comparação aos seus colegas masculinos, refletidas na menor visibilidade midiática, na disparidade de salários e prêmios, e no acesso limitado a patrocínios e infraestrutura de treinamento de qualidade. Esse tipo de preconceito estrutural perpetua a desigualdade de gênero no esporte, evidenciando que, apesar dos avanços, as mulheres continuam lutando por uma verdadeira equidade e reconhecimento em suas modalidades. Os relatos e dados coletados indicam que essa valorização financeira desigual não só desmotiva as atletas, mas também restringe o desenvolvimento pleno de seus potenciais esportivos, impactando negativamente suas carreiras e a evolução do esporte como um todo.

Hoje tem premiação em dinheiro para o homem e para a mulher também, mas o troféu ainda continua menor (lutadora de Karatê).

O esporte é um espaço de sociabilidade, de exercício de liberdade para a mulher. Depoimentos como esse, promovem uma possibilidade concreta de visualização do avanço de que um dia as mulheres possam chegar a condições iguais de competição, patrocínio, apoio e estruturas que os homens têm nas lutas (lutadora de kickboxing).

A gente tem que correr atrás, temos pouco apoio de patrocinador. De manhã corre, trabalha, treina durante a tarde, treina a noite, mas a gente corre atrás, dá um jeito (lutadora de MMA).

A diferenciação nas premiações nos campeonatos e incentivo via patrocínio é mais uma forma de cultivar a desigualdade de gênero, sendo que as mulheres passam pelo processo de preparação para uma competição da mesma forma que os homens. Entretanto, as barreiras preconceituosas da contemporaneidade não se limitam aos aspectos do mundo do rendimento. Existem condições adversas típicas do mundo feminino. Por exemplo, a dificuldade para as mulheres em dar continuidade à prática esportiva após a gestação é mais uma barreira a ser enfrentada, pois precisam se afastar por um longo tempo da prática da luta durante o processo gestacional, muitas vezes não voltam à prática devido à maternidade. Poderíamos citar ainda as jornadas duplas ou triplas (família, trabalho e estudo) e a insegurança.

E poucas meninas continuaram e chegaram à faixa preta, algumas desistiram por conta de trabalho, estudos, casamento, filhos. Eu e mais uma menina fomos as primeiras mulheres Faixas Preta de Judô na cidade (lutadora de Judô).

Nós mulheres nos desdobramos em 10 no dia a dia, podemos fazer o que quiser, hoje eu sou faxineira da academia, e entre minhas faxinas, meus horários de serviço, consigo fazer os meus treinos, aí eu concilio com a faxina, os treinamentos, com as aulas que dou, as competições. É uma rotina bem corrida mais é possível, está dando para administrar, é uma correria (lutadora de kickboxing).

É notável o esforço das mulheres atletas que, com determinação incansável, enfrentam e superam desafios significativos em suas carreiras esportivas. Suas jornadas exemplificam não apenas a resiliência individual, mas também destacam a importância da persistência e do comprometimento em meio às adversidades estruturais e sociais. Através de suas conquistas e dedicação, essas mulheres não apenas desafiam estereótipos e barreiras de gênero, mas também inspiram uma mudança cultural e institucional no cenário esportivo global. Seu esforço incansável não só contribui para o avanço pessoal, mas também promove um ambiente mais inclusivo e equitativo, essencial para o progresso contínuo do esporte como um todo.

O preconceito nunca me fez pensar em desistir do judô, isso jamais. A luta torna mulheres determinadas. Quem realmente vive o mundo das lutas se torna mais forte, capaz de lidar e encarar situações que nos deparamos no caminho (lutadora de Judô).

Nunca me senti desconfortável por ser mulher e lutar, pelo contrário era um desafio para mim, a provocação instiga, quando me falaram a fraquinha, aí eu queria mostrar quem era a fraquinha para eles, e para isso treinava como uma louca. É legal saber que sentiram a força do seu chute (lutadora de Karatê).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A superação das mencionadas formas de violência e do machismo implica, igualmente, na transcendência da desigualdade no acesso às práticas de lutas, uma empreitada desafiadora, porém imprescindível e premente. Para vencer certas limitações, é imperativo reconhecer a habilidade exclusivamente humana de redefinir significados, adaptando as modalidades de luta de acordo com as necessidades individuais e coletivas. Desse modo, algo que teve origem como uma arte bélica, cujo termo "marcial" deriva de Marte, deus da guerra, pode ser adotado em diversos contextos, impulsionado por objetivos multifacetados, como estéticos, terapêuticos, lúdicos, defensivos ou de condicionamento físico, entre outros. Logo, é crucial estabelecer ambientes que perdurem sem depender de comparações ou preconceitos, onde cada praticante possa usufruir da modalidade conforme sua inclinação, seja para competir em níveis profissionais ou para desfrutar de momentos de lazer e recreação. Nesse sentido, é imprescindível promover diálogos nos espaços de prática das lutas acerca do significado de sessões de treino ou aulas nas quais homens e mulheres se envolvam em contatos físicos constantes, livres de associações ou conotações sexuais indesejadas.

Ressaltamos a reflexão que a atuação nos dojos, ringues e octógonos, deve ser acompanhada de uma prática cotidiana pautada pelo reconhecimento das diferenças, pensando na equidade dentro e fora do mundo das lutas, pois, como vimos, as esferas sociais não atuam independentemente umas das outras: ao contrário, toda mudança prescinde de revoluções nas mais variadas instâncias dos seus acontecimentos. Assim sendo, este estudo com mulheres praticantes das lutas, nas modalidades do Judô, Karatê, Kickboxing, Jiu-Jítsu e Artes Marciais Mistas, apontou que elas possuem uma boa percepção dos benefícios que o esporte proporciona para sua qualidade de vida em todos os domínios, sendo eles: físico, psicológico, relações sociais, meio ambiente e geral. Afirma-se também que a presença das mulheres no esporte torna-se cada vez maior em todas as modalidades, no entanto, conclui-se identificando que o preconceito contra as praticantes e profissionais da área ainda é muito presente e se manifesta de múltiplas formas. Mesmo com o grande número de conquistas, a visibilidade e credibilidade que poderiam ser atribuídas às mulheres são postas em dúvida, unicamente por fatores de gênero. Portanto, as mulheres continuam enfrentando desafios diários para continuar com a prática, para além dos limites do tatame ou do ringue – seja em forma de descredibilidade em relação às suas capacidades ou em falta de verbas e patrocínios.

No entanto, vemos que esses desafios não fazem com que elas desistam, o que nos leva a acreditar em um futuro no qual a igualdade de gênero possa ser alcançada. Existe, portanto, um caminho bastante extenso e árduo a ser trilhado pelas mulheres no esporte, especialmente nas lutas, de modo que seguimos construindo o horizonte desse futuro. Ainda que as manifestações marciais modernas possuam distinções técnicas em relação às formas ancestrais,

continuam a apresentar desafios significativos para as mulheres, não apenas como atletas, mas também como líderes no contexto das lutas, engajadas no ensino, competição, escrita e administração. Cada mulher que persevera na dedicação e no estudo de uma modalidade torna-se um modelo inspirador para outras, contribuindo não apenas à promoção e difusão do esporte, mas também avançando consideravelmente em direção à igualdade de gênero no interior desse universo.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Fabiana Cristina da Silva - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).

Rubens Antonio Gurgel Vieira - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Fabio Pinto Gonçalves dos Reis - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por

escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALTMANN, Helena. *Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física*. Dissertação (mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CAZETTO, Fabiano Filier *A influência do esporte espetáculo sobre o modelo de competição dos mais jovens no judô*. 2009. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

DEVIDE, Fabiano Pries. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Unijuí, 2005.

FETT, Carlos Alexandre; FETT, Waléria Christiane Rezende. Filosofia, ciência e formação do profissional de artes marciais. *Motriz*. Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 173-184, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/download/2145/229/11033>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FRANCHINI, Emerson. *Preparação Física para Atletas de Judô*. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre *A educação física e a construção do corpo da mulher: imagem de feminilidade*. Revista *Motrivivência*, Florianópolis: UFSC, v. 12, n. 16, p. 35-52, mar. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/4966>. Acesso em: 10 jul. 2024.

GOMES, Fabio. *Psicologias dos esportes de combate e artes marciais*. In: RUBIO, Katia. (Org.). *Psicologia do esporte aplicada*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LANÇANOVA, Jader. *Lutas na educação física escolar: alternativas pedagógicas*. 2006. 70 f. Monografia (licenciatura em educação física) – Universidade da Região da Campanha, Alegrete, 2006.

LIMA, Marcos Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de psicologia*, v. 3, p. 401-411, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/k7hJXVj7sSqf4sPRpPv7QDy/?lang=pt#>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola *História oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

MOURA, Paulo; MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. Desafio de Mulheres Praticantes de Lutas e de Artes Marciais. In: MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. *Lutas/Artes*

Marciais/Esportes de Combate em Educação Física, Curitiba: Appris, 2021.

RUFINO, Luis Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 283-300, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/WCKk4pM4SxXcQVs3BVSYPJH/?format=pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SILVA, Carlos Aldemir Faria da. Um olhar para dentro de si: reflexões sobre os preconceitos que nos habitam. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos (Org.). *Educação para a diversidade: olhares sobre a educação para as relações étnico-raciais*. Belo Horizonte: Mazza, 2010. p. 113-128.

SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, v. 19, n. 48, ago. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WmskFBM75bMM855MZYhYvvgb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2024.

TRUSZ, Rodrigo Augusto; NUNES, Alexandre Velly. A evolução dos esportes de combate no currículo do curso de Educação Física da UFRGS. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 179-204, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/movimento/article/view/2932>. Acesso em: 10 jul. 2024.

Recebido em: 31 jul. 2024
Aprovado em: 01 set. 2024

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

